

APRESENTAÇÃO: ESTUDOS CLÁSSICOS BRASILEIROS*

Proêmio

Este texto é a primeira tentativa de dar forma a questões que têm me acompanhado há pelo menos 5 anos e, em termos mais genéricos, há mais de uma década. Trata-se da especificidade da compreensão brasileira da cultura clássica. Veio a calhar o convite da revista Vernáculo para fazer a apresentação de um dossiê de Estudos Clássicos. Será um ótimo ensejo para tecer comentários sobre a situação da área neste país através de formalizações aproximativas, ou melhor, aproximações informais. Algumas perguntas, ainda que não encontrem aqui uma resposta definitiva, ajudarão a traçar um caminho. Como os antigos gregos e romanos estão conectados ao Brasil, que papéis desempenham no teatro de sombras do Brasil? Existe um Brasil, ou uma brasilidade, independente da contribuição das civilizações clássicas? Poderemos, teremos o direito ou o dever de nos pronunciarmos sobre os antigos? Conseguiremos fazê-lo de um modo que seja significativo também para outros países? Agora, já vencido pelos meus próprios limites de tempo, espaço e amadurecimento, percebo que o grande ensaio que planejava ficará para outra ocasião, e que terei de me ater a objetivos bem mais modestos.¹ Espero ao menos vencer a meta de apresentar os trabalhos do dossiê e, na volta, partilhar com os leitores algumas inquietações que, até onde sei, povoam não só a minha mente, mas o imaginário da/sobre a área de Estudos Clássicos como um todo.

Os trabalhos deste dossiê, além de dar uma boa idéia do que se escreve de melhor na Graduação (num dos casos, na Pós) em Curitiba, ilustram alguns dos principais focos de interesse dos estudantes brasileiros quando o assunto é o mundo clássico. Do eterno fascínio exercido pela religião dos helenos até as interações entre a literatura greco-romana e a poesia lusófona, passamos pelos temas mais tradicionais da mitologia, pelo estudo rigoroso da fonologia do grego antigo e por abordagens que integram teorias antropológicas e dados lingüísticos. O material aqui coligido, apenas uma pequena parte do que se produz na UFPR, dá a conhecer uma consequência importante da concentração dos Estudos Clássicos no ensino superior (depois que foram abandonados quase inteiramente os outros níveis escolares): um perfil mais voltado à pesquisa, um viés mais crítico que não faz tantas concessões às idéias prontas ou ao didatismo redutor. Veremos em algumas passagens um trato mais técnico com a Antigüidade, indício de um aprofundamento na área de especialidade e mesmo já de uma certa profissionalização: estamos diante de novos helenistas e latinistas, enfim. Por outro lado, em outros momentos, transparece ainda um ar de modéstia e de reverência, de quem ainda não se sente muito à vontade

* Apresentação de autoria do Prof. Alessandro Rolim de Moura.

¹ Estas reflexões preliminares deverão ser desenvolvidas num projeto de maior fôlego, que intitulo provisoriamente "A Leitura Brasileira dos Clássicos".

diante de monumentos gigantescos ou indecifráveis, cheios de um mistério que os milênios só conseguiram aumentar. Trata-se em todo caso de um documento que registra diferentes percepções brasileiras dos clássicos e da cultura antiga. Será sempre um registro a partir de um ponto de observação muito específico, mas daí talvez advenha seu maior valor. O prédio da universidade que abriga os autores destes artigos, ainda frio e inóspito, cheio de professores estranhos fechados em seus gabinetes, esse *locus amoenus* da esquizofrenia, ainda é capaz de produzir momentos de diálogo, leitura multidisciplinar e descoberta. Creio que a leitura integral do dossiê ampliará o discurso-com-vários-guias que já procurei construir na apresentação.

Narratio

Lembro agora, por acaso, uma cena de "Quilombo", filme de Cacá Diegues, em que um grupo de brancos desgarrados tenta se unir aos negros dos Palmares. Os chefes do quilombo recebem os "estrangeiros" e perguntam o que eles sabem fazer, no que poderiam colaborar com a comunidade. Um responde que sabe fazer uns pães à moda de uma cidade branca onde trabalhara. Outro faz um rápido espetáculo de prestidigitação. O terceiro põe-se a recitar os versos iniciais da Odisseia diante de negros que se entreolham curiosos. E completa: "É que eu sei um pouco de grego!" Dizem que Zumbi, educado por um cura, foi iniciado nas letras latinas. Mas grego! Terá Zumbi se perguntado se, admitindo-se mais um classicista em sua república, os quilombolas precisariam instituir o latim ou o grego como segunda língua nacional, para que o aprendizado de uma segunda língua pudesse ser apresentado aos cidadãos como fator de incorporação ao mercado de trabalho?

Outra cena, quase de lenda, me enche os olhos e os ouvidos: Anchieta, refém dos tamoios, escreve o *De Beata Virgine Maria* na areia, ao passo que memoriza a composição. Há uma tela de Portinari com a cena.

O tempo passou, multiplicaram-se as lendas, nós brasileiros continuamos perplexos diante das praias do mar ressoante, e ainda existe gente que gosta de grego e latim. Esquisito, né?

Lembro-me agora de uma terceira imagem, da inscrição grega esculpida sobre um dos frontões de uma igreja presbiteriana no centro histórico de Curitiba: Ο ΛΟΓΟΣ Ο ΣΟΣ Α ΑΗΘΕΙΑ ΕΣΤΙΝ.

Entre o desejo de integração, o isolamento e a *mise-en-scène* do saber

Anchieta escrevendo um poema latino entre os "selvagens" é uma das alegorias da solidão mais fortes que posso imaginar, mas não é só isso. Em todo caso, a solidão costuma perseguir os que se dedicam a áreas de estudo minoritárias. Ou são as minorias que perseguem a solidão?

Mil vezes já me perguntaram por que estudo essas línguas e a cultura da Antigüidade. Uma boa resposta, como me aconselhou um aluno, é fazer uma cara de simplório, afinar a voz e dizer: "Não sei..." Muitas vezes respondo com um apelo ao "prestígio mítico das origens", outras com uma confissão de perversidade intelectual. E diversas outras respostas poderiam ser trazidas à conversa. Mas este ensaio não pretende ser mais uma lista das mil e uma utilidades das línguas clássicas, nem uma justificação ou defesa de sua permanência no ensino superior ou de sua eventual volta aos outros níveis. O texto acaba tangenciando esses temas, mas eles não me interessam diretamente agora. Parto de uma realidade, de um fato bruto: o latim e o grego fazem parte da cultura brasileira. No país estudam-se essas línguas e uma grande variedade de disciplinas afins: a Filologia Clássica, a História Antiga, os estudos de Filosofia Grega, o Direito Romano, a Arqueologia Clássica,² disciplinas a que poderíamos dar o nome genérico de Estudos Clássicos. Todas elas vêm-se representadas nas escolas brasileiras, algumas provavelmente desde as primeiras escolas do país³. Além disso, elementos da cultura clássica, às vezes mais, às vezes menos visíveis, estão presentes no cotidiano dos brasileiros, desde a citação pedante do advogado até os programas infantis que exploram a mitologia antiga; desde as terminações ou grafias gregas e latinas incorporadas a nomes de lojas e produtos (gerando freqüentemente os mais curiosos neologismos) até a frase "Isso é grego pra mim!", passando pelos muitos textos em latim já escritos no/sobre o Brasil (por brasileiros e estrangeiros) e pelas engraçadas invenções do que já se chamou latim *folk*, isto é, o grande repertório de frases latinas que, retiradas da liturgia da Igreja ou das antologias didáticas, passam na boca do povo pelas mais surpreendentes metamorfoses.

Meu objetivo, então, não é propriamente defender os Estudos Clássicos, mas tentar compreender como a cultura clássica se insere na cultura brasileira, como faz parte do que somos, para o bem ou para o mal. Vou procurar identificar os contextos dessa inserção e algumas imagens, conceitos e preconceitos que nossa sociedade desenvolveu sobre o mundo greco-romano, suas línguas e manifestações literárias. Será certamente ambicioso em excesso desejar fornecer uma visão completa do problema neste tímido primeiro ataque, mas creio que, procurando enfatizar questões de língua e literatura clássica, devido à minha área de atuação e à natureza dos trabalhos do dossiê, faço uma escolha adequada às minhas

² Sim, existem arqueólogos brasileiros que trabalham com Roma e Grécia Antigas, participam de escavações no exterior e publicam em revistas especializadas. O programa de Pós em Arqueologia Clássica da USP formou nove mestres e sete doutores de 90 a 99, e no final desse período tinha aproximadamente vinte alunos matriculados. Poderíamos incluir ainda no rol das matérias aparentadas aos estudos greco-latinos as pesquisas em História Medieval, a Filosofia Medieval e Moderna de expressão latina, a História da Arte, etc.

³ Aos dezenove anos de idade, José de Anchieta ensinava latim aos demais jesuítas que viviam em São Paulo de Piratininga. Não havia livros: Anchieta ocupava diversas noites copiando as lições para seus alunos.

competências e ao público leitor, sem deixar de roçar questões mais gerais, já que a língua e a literatura são fenômenos culturais que invadem os campos mais diversos.

Parágrafos sobre números

Tinha me prometido escrever uns parágrafos sobre números. Consegui computar no Brasil um total de 8 (oito) universidades que oferecem cursos de Graduação em Letras Clássicas⁴, que formam, todas juntas, mais de 40 alunos por ano em média. É o primeiro degrau possível para uma especialização na área, juntamente com os bacharelados em Filosofia ou História ou outra área que envolva monografia sobre tema da Antigüidade Clássica. Suponhamos que essa categoria implique a formação de mais algumas dezenas ou centenas de alunos por ano, e mesmo assim estaremos num universo estudantil extremamente reduzido em termos numéricos. Ademais, essas possibilidades de especialização podem ser vistas como um tanto tardias, especialmente para o estudo das línguas antigas. Isso desde que foi extinto o antigo curso Clássico do segundo grau, que permitia uma iniciação mais precoce para aqueles que tivessem um especial interesse e aptidão⁵.

Na Pós-Graduação, identifiquei pelo menos dezoito programas de mestrado e/ou doutorado que abrigam dissertações e/ou teses de Estudos Clássicos. Na década de 90, tivemos pouco mais de 200 teses ou dissertações da área defendidas no interior dessas faculdades, destacando-se o programa de Letras Clássicas da USP, com 60 defesas, e a Filosofia Antiga na UFRJ, com 53. Em 1999, o conjunto dos

⁴ Esse dado e os seguintes são estimativas cujo grau de exatidão tem de ser visto com algumas ressalvas. Baseio-me sobretudo nos números organizados pela Profa. Paula Corrêa em seu trabalho "Estudos Clássicos no Brasil" (apresentado na Reunião da *American Philological Association* em 1999). O levantamento de Corrêa, objetivo e rico em informações (coleta informações sobre o acervo das bibliotecas universitárias e sobre as publicações no país), está no entanto incompleto porque muitos dados de várias faculdades não puderam ser computados, sendo notável a ausência de dados para quase todos os estados do Norte e do Nordeste. Suponho que as federais de Pernambuco, da Bahia e do Pará, por exemplo, totalmente ausentes na coleta de dados, tenham suas colaborações. Um estudo mais detido das realidades dessas regiões, mesmo em estados mais pobres, certamente traria acréscimos aos nossos números. Mas ainda parece evidente o maior avanço do Sul e do Sudeste. Pelo menos é o que pude concluir a partir de informações obtidas em fontes esparsas, desde periódicos da área até relatos orais de colegas da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos.

⁵ Daí, a meu ver, a necessidade urgente de instalar essas matérias como optativas para o ensino médio pelo menos nas principais escolas públicas de cada cidade ou região. O atual currículo permite um espaço para atividades opcionais, e não há por que não disponibilizar, pelo menos nos estabelecimentos com melhor estrutura, algumas horas de latim e/ou grego por semana. O preconceito que vê essas línguas como estudos elitistas criou no imaginário brasileiro a idéia de que seria um absurdo humorístico imaginar que o povo se interessasse por elas. O que as classes mais baixas experimentam é a introjeção daquele preconceito às avessas: são línguas melhores, mais difíceis, que apenas os melhores podem entender; nunca as compreenderemos... Mas seria tão interessante se pudéssemos! Talvez entendêssemos melhor as leis (decididamente uma das formas mais arcaicas de linguagem) ou a Bíblia... O ensino e o aprendizado das línguas clássicas no Brasil são uma questão de cidadania. O conhecimento e o uso do conhecimento sobre a Antigüidade são uma realidade no Brasil contemporâneo. O Estado e as escolas não podem ficar alheios a isso.

programas de Pós aqui considerados tinha mais de 150 alunos matriculados desenvolvendo pesquisa na área. Como era de se esperar, o número de alunos na Pós cai bastante em relação à Graduação.

Outros dados muito interessantes estão contidos no "Repertório Brasileiro de Língua e Literatura Latina (1830-1996)", livro ainda inédito do Prof. Eduardo Tuffani (Universidade Federal Fluminense). O trabalho compila e organiza informações sobre aproximadamente dois mil títulos, e dá uma ótima visão da diversidade das abordagens no Brasil posterior à independência. Trata-se ainda de um repertório parcial. Não inclui artigos em diários nem as antigas publicações de alguns estabelecimentos de ensino secundário. Também foram excluídas do levantamento as obras de cunho didático, como gramáticas elementares e antologias. A pesquisa de Tuffani sugere a existência de material muito abundante sobre temas clássicos publicado no Brasil, sobretudo se consideramos que seu levantamento não procura reunir dados sobre as obras a respeito de Língua e Literatura Grega, Filosofia Antiga e História da Antigüidade, só para ficarmos com as áreas mais óbvias.

Esses números ainda são muito pequenos e foram computados sem rigor estatístico, mas não são insignificantes.

Morremos ou foi a vida que morreu?

A expressão "línguas mortas", freqüentemente empregada para o latim e o grego, é ultrapassada, incorreta e preconceituosa. Essa denominação, que utiliza como critério o fato de essas línguas não mais possuírem falantes nativos e praticamente não mais serem empregadas como línguas de comunicação oral, baseia-se numa visão limitada do que seja a realidade das línguas na história da humanidade. Em primeiro lugar, obviamente os adjetivos "morto" e "vivo", empregados para uma língua, são metáforas⁶, pois nenhum idioma é um ser vivo da biologia. Um adjetivo assim, quando associado a realidades culturais (como formas artísticas ou práticas religiosas), costuma sugerir, no caso de "vivo", poder criativo, maleabilidade, riqueza de sentido, movimentação, etc.; no caso de "morto", estagnação, ausência de mudança, falta de criatividade, etc. Ora, convém nos

⁶ Ou, mais precisamente, metonímias, já que os que morreram, no caso das línguas "mortas", não foram as línguas, mas os falantes nativos. Essa "morte dos falantes nativos", entretanto, foi diferente da que ocorreu e tem ocorrido com comunidades lingüísticas minoritárias exterminadas por uma outra cultura, estrangeira, que se impõe agressivamente. O desaparecimento das pessoas que aprendiam no berço as formas do velho latim, foi a substituição paulatina dessas formas por variedades desenvolvidas a partir da fonte latina de fala popular, fonte antiquíssima em que bebia o próprio latim literário, este em uso até hoje. De geração em geração, a língua transmitida de pai para filho era cada vez mais distante do latim falado na época de Plauto e mais próxima daqueles falares que depois ficaram conhecidos por português, francês, italiano, etc. A essas novas variedades damos, não sem razão, o nome de línguas românicas ou neolatinas. Na Grécia pode-se afirmar que a continuidade entre a variedade antiga e a moderna é ainda mais forte.

perguntarmos se esses conceitos são aplicáveis a uma ou mais das línguas estudadas em nosso sistema educacional. O latim e o grego, *línguas clássicas*, estão vivos, tal como continuam vivos Homero e Virgílio, Petrônio e Safo. A cada vez que alguém, no Brasil ou em outras partes do mundo, vive a experiência de ler esses e outros autores, na beleza inconfundível de seus textos originais, o latim e o grego mostram-se sempre quentes e móveis, sugestivos e orgânicos. Os textos latinos e gregos, reeditados múltiplas vezes nos últimos 2800 anos, demonstram um vigor e uma capacidade de adaptação inigualáveis; são interpretados sempre de modos diferentes conforme a época e a nação, alimentam constantemente os debates culturais e científicos, e essa sobrevivência se dá muitas vezes à margem e apesar das instituições religiosas, acadêmicas e políticas que freqüentemente se aproveitam do prestígio dessas línguas para afirmar sua suposta autoridade. Sempre haverá, enquanto houver espírito crítico e investigador no homem, sempre haverá o leitor que, sem outra finalidade além do prazer de descobrir, abrirá um velho livro que, por descuido, não levaram para o depósito. Intrigado com o sentido das palavras que ali foram deixadas por um homem de outra época, vai se esforçar para compreendê-las e entender o porquê da sua permanência, que talvez seja um dos porquês da permanência da própria civilização.

Está morto o inglês quando ensinado e aprendido roboticamente para capacitar o brasileiro para novas formas de servidão, o brasileiro que se sentirá talvez pateticamente recompensado ao aprender o "The book is on the table" ou o "My name is João", que de fato significa o mesmo que "My name is Slave". Está morto o espanhol quando empregado na diretiva do caudilho imediatamente obedecida pelo subordinado, morto o português na linguagem empobrecida de sentidos, limitada por viseiras, seqüestrada de sua possibilidade multi-significante, na escola, na mídia, na canção *pop*, nas igrejas. Mortas todas essas línguas na massa de mortos-vivos que as utilizam inconscientes de que, antes de falar uma língua, são por ela falados.

Depois do surgimento da teoria da recepção e das reflexões da análise do discurso, poucos duvidarão da importância do leitor, ou melhor, da função ativa exercida pelo antigo "receptor da mensagem". Os séculos tiveram competência suficiente para nos transmitir um instrumental básico de leitura dos textos antigos. Essa capacidade, embora precária, ainda nos dá um bom domínio dos sistemas lingüísticos grego e latino, o que permite a fruição e a interpretação das obras clássicas. O desempenho do leitor inteligente é traduzido numa leitura que é só sua, numa atualização que faz desse leitor um novo e original interlocutor de Platão, Sêneca ou Agostinho, e projeta até o infinito a gama de sentidos e sensações que os textos gregos e latinos antigos são e serão capazes de despertar.

Interpolação pessimista de um guia desesperado

O pensamento lingüístico no Ocidente se construiu também por grandes rupturas, e uma delas foi a que produziu uma separação entre o historicismo do século XIX e o pensamento lingüístico que se seguiu, mais voltado às descrições sincrônicas. Os estudos histórico-comparativos passaram aos poucos a ser vistos como sem método e excessivamente hipotéticos, enquanto, num outro cenário da guerra, o estruturalismo, oriundo da Lingüística, era transformado em modelo epistemológico para as ciências humanas, para em seguida ser superado por sucessivas ondas formalistas, cada vez mais sofisticadas e inacessíveis aos leigos, até o "esgotamento dos modelos teóricos" que parece ter acontecido esses dias. Mas a crítica de Saussure e seus seguidores à escola que o antecedeu foi tomada tão a sério, que acabou por ser erigida, mesmo pelos adeptos de seitas posteriores, em troféu das conquistas inaugurais da "Lingüística Moderna". A ponto de algumas pessoas menos informadas atribuírem ao todo do pensamento lingüístico pré-saussuriano idéias que se verificavam entre os gramáticos tradicionais, mas não entre os comparatistas; ou mesmo a ponto de se atribuírem a Saussure posturas desenvolvidas antes dele, pelos historicistas (a escola da qual Saussure, aliás, era um dos mais eminentes representantes)⁷. Apesar da derrocada da Lingüística Histórico-Comparativa, o problema da mudança lingüística continua. Suponho que ainda são questões importantes como e por que as línguas mudam no tempo. Essas questões não foram respondidas, mas foram temporariamente esquecidas. Nem se pode dizer que já se estudou a fundo a história de todas as milhares de línguas humanas ou que já se esgotaram todas as possibilidades de abordagem da história daqueles idiomas que mais receberam a atenção dos especialistas (como o latim, por exemplo). Há, ao contrário, um material enorme a ser explorado, desde as línguas clássicas até o português mais recente, sem falar em outras tradições. Quem tem se encarregado da solução desses problemas? Quem tem se dedicado a esses estudos? Vejo três fatores decisivos trazendo, na academia contemporânea, obstáculos para a Lingüística Histórica e para o estudo do passado. Primeiro, o triunfalismo cego de uma parcela dos praticantes da Lingüística Sincrônica. Segundo, o medo de cair numa erudição vazia (ou o medo de lutar por uma erudição?), o medo de, na busca da História Antiga, encontrar-se apenas o antiquário. Por fim, um dogma: o dogma de que estamos mais perto da verdade se estudamos nossa época (ou épocas próximas) e cada vez mais distantes da verdade e escapistamente no sonho quanto mais nos afastamos desse presente, que supostamente nos oferece toda a sua concretude. Esse triunfalismo, esse medo e esse dogma têm arrasado a Lingüística Histórica, entre outras disciplinas. Restaram aqui os sociolingüistas e suas pesquisas freqüenciais, ali meia dúzia de professores de Filologia Românica, acolá uma veleidade historicizante entre os mofadíssimos latinistas, resquícios que, comparados ao respeitável edifício da Lingüística Histórico-Comparativa de há cem anos, reduziram-se ao papel de

⁷ Tenho uma teoria extra-oficial que vê o melhor de Saussure nos seus "confusos" textos sobre os anagramas da poesia antiga. O "Curso...", livro composto por alunos sem a supervisão do professor, talvez faça Saussure se revirar no túmulo até hoje.

figuras decorativas que impressionam os basbaques com alguma expressão do português arcaico. A um tal ponto foram rebaixadas essas áreas, de tal modo foi demonizada a Filologia, caluniado o ensino das línguas clássicas, que esses campos do saber (tidos antes como distintivos da mais alta preparação para as tarefas acadêmicas e profissionais, para os cargos públicos e mesmo para os empreendimentos do comércio internacional) são hoje espaços marginalizados, atraindo não raro personalidades excêntricas para quem a área tem a triste função de afirmação social às avessas.

Um *daimon*

À medida que o texto avança percebo que a minha modesta apresentação vai se transformando quase num samba do crioulo doido, uma bela peça para rirmos da minha empolgação juvenil e melodramática num futuro não muito distante, um prato cheio para as harpias culturais. Mas mesmo assim vou adiante e enceto um novo parágrafo, quando, aos berros, entra um *daimon* com minhas idéias mais infantis: "Creio que o Brasil tem um possibilidades extraordinárias para conduzir um novo renascimento, isto é, para um período de grande desenvolvimento econômico, social e cultural, e que tal renascimento envolverá, entre outras forças, uma retomada original de algumas das tendências mais sadias do mundo clássico, sua potência transformadora e organizadora, seu espírito filosófico questionador, sua religiosidade sincrética, aberta e variegada, seu desejo agônico de superação, sua unidade concordante com a diversidade cultural. O paganismo milenar das tradições africanas, o culto reverente da natureza entre os nossos índios, são avatares fundamentais para essa revisão: criticar o mundo europeu nas suas pestes principais, ou seja, no avanço imprevidente da tecnologia submetida ao ganho fácil, no dogmatismo cristão, no envenenamento do planeta, na visão estereotipada dos brasileiros como amigáveis, bizarros e divertidos, caricatura que solapa a agressividade vital que poderia nos inspirar. Só nos é concedida a agressividade do bárbaro, inconseqüente, destruidora, como quando, ao apagarem-se as luzes num blecaute, ao entrarem em greve os policiais, hordas de criminosos e famintos aterrorizam as cidades com saques, depredações e assassinatos. E a agressividade necessária à dura tarefa de lutar com as palavras, nossas e de outrem, a agressividade aparentada ao estudo e à reflexão radicais, ao primado da palavra livre, a violência que é necessária nos discursos que nos defendam nas assembléias internacionais, a impiedosa violência que afirme nossa civilização como síntese válida, que negue o que nos oprime e conduza ao máximo da frutificação as heranças que fazem parte da seiva de nosso esperado florescimento como êmulos para o mundo, onde está essa violência?"

Professores, Baco e pesquisa

Um professor de latim no Brasil de hoje é quase como "o homem que sabia javanês", um cidadão com senso de oportunismo para capturar uma das poucas vagas de trabalho existentes na área, e que, sabendo um pouco, consegue sustentar uma imagem de erudito diante dos inocentes que se afogam no mar de ignorância de nosso sistema educacional. Ocorre que o latim não é uma língua "exótica"; não é sequer, a rigor, uma língua estrangeira, mas o idioma de uma parcela muito significativa de nossos antepassados literários e culturais, a linguagem de uma gigantesca tradição filosófica, artística, religiosa e política, o meio de expressão de parte de nossa cultura escrita; e, fato que por si só bastaria, trata-se de um estágio anterior da língua portuguesa, lá onde ela se mistura ao núcleo comum a tantos povos, o Lácio, especialmente o Lácio helenizado, esse mundo clássico de onde brotam algumas das energias criadoras mais poderosas do Ocidente, as mesmas que impulsionaram a explosão cultural do Renascimento, as grandes navegações e a descoberta do Brasil.

Não nos enganemos: não surgirá espontaneamente a novidade redentora a partir da nossa tão elogiada mistura étnica, da originalidade irracionalista tropical, que põe Descartes fumando maconha dominado pela maleita. Primeiro precisamos estudar a selva, o fumo, Descartes e nossa própria febre, pesquisar de fato nossas raízes negras, européias e indígenas, além das outras múltiplas culturas com que fazemos cada vez mais contato. Ou viveremos para sempre embalados pelo "sonho das três raças"? Precisaremos impor sobre o mundo da cultura uma vontade, um esforço de compreensão, síntese e superação. Não haverá resultado na simples embriaguez. E nada ganharemos abandonando nossa herança européia, ou tomando-a apenas na sua versão apodrecida nos *containers* da indústria cultural. Queiramos ou não, a cultura européia continuará invadindo e guiando muito dos destinos do Brasil. Resta saber se unicamente através de nossa submissão inerte ao império do dinheiro, ao puritanismo hipócrita e doentio, ao eurocentrismo fascista de alguns políticos estadunidenses, ou se através de uma releitura consciente, crítica e informada das heranças culturais européias, incluindo aí Grécia e Roma, passando pela história da cristianização no Ocidente e pelo surgimento do estado nacional moderno. Parece-me que Oswald de Andrade já propôs algo semelhante com sua antropofagia. Mas fiquei sabendo que Oswald era demasiadamente dispersivo e não tinha muita disciplina em seus estudos (contaram-me uma história sobre muitos livros lidos apenas até a página 50). Devoremos os europeus, mas degustando cada pedaço.

Um credo

É possível estudar o mundo greco-romano no Brasil. A tecnologia da comunicação permitirá o compartilhamento de materiais antes inacessíveis para a maior parte dos brasileiros e dos americanos em geral: imagens de manuscritos,

objetos de arte, edições antigas⁸. A circulação internacional dos acervos dos grandes museus faz parte desse processo. Isso já está acontecendo. Acredito que uma nova geração de Estudos Clássicos está nascendo nas Américas. Em terras européias, esse campo de pesquisa vive um risco mais constante de se tornar autocentrado em excesso e de desabar sob o peso ciclópico do culto de si mesmo. É um perigo que, em tese, paira sobre todas as ciências e áreas de estudo. Os Estudos Clássicos europeus viveram esse drama da forma mais extrema no papel que tiveram sob o Fascismo e o Nacional-Socialismo.

A América, sobretudo onde ela é mais ciosa da mistura e não acalenta nenhuma fantasia de pureza étnica ou artística, tem o distanciamento necessário a uma abordagem mais crítica. As faculdades brasileiras não possuem papíros antigos acessíveis apenas aos mistagogos do saber de cada departamento. Aqui teremos de trabalhar, muito mais do que na Europa, com a foto, as reconstituições computadorizadas de sítios arqueológicos, o xerox (sim, o xerox, maravilha sacrossanta da edição alternativa terceiro-mundista). Quem disse que isso não terá seus benefícios?

Vendo de longe, venceremos: nossa suposta desvantagem, podemos usá-la a nosso favor. De longe, teremos um panorama mais amplo. Os brasileiros ainda terão muito o que dizer sobre os gregos e os romanos, e algo que só nós poderemos dizer, daqui, olhando a partir a partir das nossas praias.

Explicit?

Aquela cena de "Quilombo" prosseguia da seguinte maneira: após as exposições do padeiro europeizado, do helenista e do mágico, nesta ordem, um dos homens de confiança de Ganga Zumba comenta sorrindo: "Isso tudo que vocês sabem não serve pra nada." Imediatamente, uma quarta personagem branca, uma mulher, diz algo como: "Deixem-nos ficar. Nós podemos aprender o que vocês nos ensinarem." Os brancos acabam se estabelecendo nos Palmares, assim como alguns índios. Mais tarde, Ganga Zumba já morto, a cidade cercada pelas tropas de Domingos Jorge Velho, levanta-se Zumbi no meio da noite, vaga insone por seu reino, e encontra um menino que faz um trabalho manual e canta. O general observa umas peças feitas pelo garoto; pergunta: "Pra que serve isso que você faz?" O outro: "Não sei... Pra nada... Pra que serve a guerra?" É o mesmo menino que, após a morte de Zumbi, assume a liderança da resistência quilombola?

Acho que está na hora de eu explicar também aquela frase grega da igreja. A idéia, certamente, era escrever "A tua palavra é (uma) verdade", tradução de Ο ΛΟΓΟΣ Ο ΣΟΣ ΑΛΗΘΕΙΑ ΕΣΤΙΝ (Evangelho segundo João, 17.17). Mas a inscrição traz Ο ΛΟΓΟΣ Ο ΣΟΣ Α ΑΛΗΘΕΙΑ ΕΣΤΙΝ, isto é, com o primeiro alfa de *aletheia* ("verdade") separado do resto da palavra (o que pode corresponder à

⁸ Os estadunidenses formam um grupo *sui generis*: seu progresso econômico permitiu adquirir peças antigas para os museus e universidades dos E.U.A.

interjeição de desprezo *a*), e com o que deveria ser um lambda escrito como outro alfa, gerando a palavra *aetheia*. A tradução do que está escrito sobre aquele frontão (grego como muita coisa) ficou "A tua palavra... ah!... é falta de experiência", não obstante ter-se esculpido ao lado do texto grego seu suposto significado: "A tua palavra é a verdade". Quando descobri esse estranho fato, não sei o que pensei, porque esqueci imediatamente o acontecido, que não contei a ninguém. Meses, talvez anos depois, mais uma vez voltei os olhos para o alto do frontão, e ao ler recordei já ter notado antes a estranheza daquela frase. Só nessa segunda vez fez algum sentido, e a impressão inicial foi uma esquisita euforia misturada com pavor. Não sei quantos anos tem o templo ou a inscrição, ou se alguém já se deu conta do escrito e o relatou em algum lugar. Fora a ironia oracular da inscrição, vejo na frase e nas suas leituras uma infinidade de discursos sobrepostos. Um deles é "Que importa a verdade?" Outro: "Nós gostaríamos de saber grego."

Os símbolos costumam ter vários lados. Quero que esses meus (*Anchieta na praia, Homero nos Palmares e a Inscrição Curitibana 0.01*), que encontrei tão facilmente mas que me demorei tanto tentando entender ou explicar, quero que continuem ambivalentes. Desisto de desvendá-los; principalmente desisto de manuseá-los sozinho.

Terminemos fazendo votos de sucesso aos novos pesquisadores que se revelam neste dossiê. Uma das melhores coisas da vida é conversar, e mais do que nunca em nossas vidas acreditamos que podemos ter interlocutores, e que os assuntos da conversa podem incluir os romanos, os gregos e os brasileiros.

Alessandro H. Poersch Rolim de Moura